

PARTICIPAÇÃO SOCIAL E ENVELHECIMENTO

Concebendo cidades amigas aos idosos

**Dayse da Silva Albuquerque¹, Natália de David Klavdianos²,
Isolda de Araújo Günther³ e Adriana Portella⁴**

Resumo

A mudança paradigmática sobre envelhecimento nas últimas décadas inspirou novos conceitos e teorias, tendo a participação social sido associada a inúmeros benefícios biopsicossociais. Prover suporte social e ambiental com redes de apoio adequadas tornou-se primordial para amparar a concepção de cidades amigáveis ao envelhecimento, promotoras de aging-in-place. O estudo teve como objetivo identificar demandas socioambientais e as alternativas de resolução das problemáticas mais urgentes nas áreas pesquisadas. A meta foi compreender, por intermédio de exposições interativas, como as comunidades podem ser projetadas para integrar as necessidades da população idosa. Elementos relacionados à participação social e ao provimento de recursos no local de moradia se destacaram. Os dados mostraram a necessidade de garantir segurança, aprimoramento da infraestrutura e a oferta de opções de lazer direcionados a possibilitar o suporte e engajamento social. Nesse sentido, o reconhecimento da população idosa como atores socialmente aptos a opinar e propor pode render bons resultados.

Palavras-chave: cidades amigáveis ao envelhecimento, participação social, envelhecimento no local de moradia.

SOCIAL PARTICIPATION AND AGEING

Conceiving friendly cities to the elderly

Abstract

The paradigmatic change about aging in recent decades has inspired new concepts and theories, with social participation being associated with numerous biopsychosocial benefits. Providing social and environmental support with adequate support networks has become essential to support the design of aging-friendly cities, which promote aging-

in-place. The study aimed to identify socio-environmental demands and alternatives for solving the most urgent problems in the research areas. The goal was to understand, through interactive exhibits, how communities can be designed to integrate the needs of the elderly population. Elements related to social participation and the provision of resources at the neighborhood stood out. The data showed the need to ensure safety, improve infrastructure and offer leisure options aimed at enabling support and social engagement. In this sense, the recognition of the elderly population as actors who are socially able to give their opinion and propose can yield good results.

Keywords: age-friendly cities, social participation, aging-in-place.

Introdução

Na dedicatória do livro Saber envelhecer, CÍCERO (1997), ao se referir à velhice, assinala: “Com efeito, gostaria que fôssemos aliviados, tu e eu, desse fardo que já nos pesa ou – fatalmente – nos pesará”, e, mais adiante, prossegue: “senti tal prazer em escrevê-la que esqueci os inconvenientes dessa idade” (103-143 a. C., p. 8). Essa ancestral concepção sobre a velhice destaca o declínio biológico desse período do desenvolvimento e as perdas enfrentadas pela população idosa. Dentre essas perdas sobressai, ainda, o afastamento social. Ao longo das últimas décadas, o processo de envelhecimento teve sua complexidade e multidimensionalidade reconhecidas ancorado na concepção de que as mudanças ao longo do ciclo de vida ocorrem paulatinamente e envolvem a seleção de recursos pessoais e ambientais para sua devida otimização, de acordo com as necessidades de compensação de cada indivíduo, em uma constante busca por equilíbrio entre ganhos e perdas (BALTES, 1987; NERI, 2006).

Essa mudança de paradigma inspirou novos conceitos e teorias relacionados à realidade da pessoa idosa, tendo o envolvimento comunitário sido associado a inúmeros benefícios biopsicossociais. A participação social tornou-se um elemento de investigação relevante devido às contribuições para a qualidade de vida e o bem-estar desse grupo. Conceitualmente, define-se participação social como o envolvimento individual em atividades que possibilitam oportunidades de interação com os membros da comunidade em que se está inserido. Essas interações são sustentadas pelo compartilhamento de recursos, engajamento e satisfação pessoal (PINTO; NERI, 2017a). É considerado um dos principais alicerces para as discussões sobre envelhecimento ativo e bem-sucedido, impulsionando políticas e programas voltados para a promoção de cidades amigáveis ao envelhecimento (AROOGH; SHAHBOULAGHI, 2020).

Enquanto política pública de saúde, a ideia de envelhecimento ativo estabelece a oferta de recursos sociais, de saúde, lazer e segurança, como primordiais para incentivar um envelhecimento bem-sucedido, ou seja, a independência e a autonomia da população idosa por meio do acesso a recursos sintonizados às suas demandas (ROWE; KAHN, 1997; WHO, 2005). Essa agenda reverbera os preceitos preconizados pela concepção de cidades amigáveis ao envelhecimento (age-friendly cities), que engloba oito domínios identificados a partir de um levantamento global de barreiras e facilitadores percebidos pela população idosa em seu dia-a-dia. Esses domínios abrangem a presença e o uso de espaços públicos e ao ar livre nas imediações da residência, a oferta e o apoio comunitário e dos serviços de saúde locais, as maneiras como as informações são divulgadas e acessadas entre os moradores, as oportunidades de participação cívica e de emprego remunerado e/ou voluntário, as possibilidades de inclusão e participação social por intermédio de atividades intergeracionais, as condições de moradia e de acesso ao transporte público, dentre outras opções de mobilidade urbana (WHO, 2008).

Com a proposta de fortalecer os vínculos socio-comunitários e gerir serviços essenciais à população idosa no entorno de suas residências, os estudos mais recentes

1 Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília – PSTO/UnB (2019). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina – PPGPSI/UFSC (2015). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas – FAPSI/UFAM (2013). Especialista em Docência do Ensino Superior (2016) e em Saúde do Idoso (2018).

2 Graduada em Psicologia pela Universidade de Brasília (2016), Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações da Universidade de Brasília (2019).

3 Possui graduação em formação de psicólogo (1970), licenciatura em psicologia (1969) e bacharelato (1968) pela Universidade Católica de Pernambuco, mestrado em Psicologia Experimental (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba (1979), doutorado em Psicologia do Desenvolvimento pela Michigan State University, EUA (1983), pós-doutorado pela City University of New York, EUA (1997-1998) e pela Carl von Ossietzky Universität Oldenburg, Alemanha (2003-2003). Tem vínculo sem ônus, desde 1993, com a Universidade de Brasília na condição de Pesquisadora Colaboradora Sênior.

4 Doutora em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University (Inglaterra) com pós-doutorado em Planejamento Urbano pela University College London (Inglaterra). Mestra em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas. Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

incentivam o envelhecimento no local de moradia (aging-in-place), de maneira a garantir elementos socioambientais promotores de independência e autonomia (WILES et al, 2011). Considerando a preferência de idosos em permanecer em suas residências, mas sem perder o status de membro da comunidade, a proximidade de serviços que deem suporte para a manutenção da realização das atividades de vida diária, se torna essencial. Além disso, a presença de amenidades associada a aspectos psicossociais que permitem o envolvimento em atividades significativas, é capaz de potencializar percepções positivas sobre a vizinhança. Níveis elevados de participação social entre idosos, beneficiam o funcionamento cognitivo e o bem-estar social, reduzem o estresse, aumentam a satisfação com a saúde e a vida e diminuem o risco de dependência e agravamento de comorbidades (BRETT et al, 2019; DAHAN-OLIEL; GÉLINAS; MAZER, 2008).

Características individuais e ambientais podem gerar impactos positivos ou negativos nesse âmbito. Elementos ambientais incluem desenho urbano, densidade populacional, velocidade e organização do trânsito, estética e (in)segurança, dentre outros citados na concepção de cidades amigáveis ao envelhecimento. Variáveis sociodemográficas (por exemplo, sexo, renda e escolaridade) são mais comumente citadas em estudos que buscam explorar participação social de idosos, bem como, restrições e limitações para a mobilidade no bairro (NAUD et al, 2019). A mobilidade do idoso é mais delimitada pelo entorno do local de moradia e é influenciada pela qualidade das calçadas, pela presença de sinalização adequada, pela velocidade do tráfego, pela distância dos locais de uso diário, pela presença de áreas de lazer e pela percepção de segurança. Dentre 50 artigos publicados entre 1997 e 2013, fatores como espaços para sentar/descansar, boa convivência com os vizinhos, locais agradáveis para caminhada e proximidade de recursos e ambientes de lazer foram positivamente associados à mobilidade e participação social. Ruas e calçadas em condições precárias, ausência de espaços verdes e de iluminação pública adequada, bem como a dificuldade de acesso a transporte público foram relacionadas a baixos níveis de envolvimento comunitário (LEVASSEUR et al, 2015).

Estudo realizado no Reino Unido enfatizou que barreiras psicológicas e físicas podem tornar o ambiente hostil. Em determinadas situações, o ambiente exclui o idoso com essas barreiras e dificulta o envolvimento em atividades. Barreiras físicas podem se tornar fonte de estresse e gerar ansiedade e desconfiança. Preocupações acerca da segurança, por exemplo, tem implicações sobre a participação social e aspectos ligados à acessibilidade e mobilidade, assim como a ausência de mobiliário urbano e a qualidade das calçadas (WOOLRYCH et al, 2019).

PINTO; NERI (2017a) encontraram 31 estudos longitudinais sobre participação social de idosos e adultos saudáveis de meia-idade. Tais estudos, em sua maioria, mostraram uma redução nos níveis de engajamento social à medida que as pessoas envelhecem, fator associado principalmente às complicações no âmbito da saúde. Sintomas depressivos, deficiência cognitiva e visual, mobilidade comprometida, idade acima dos 80 anos e baixa percepção de apoio social, foram os principais fatores identificados entre os 2251 idosos participantes de estudo realizado em sete cidades brasileiras relacionados à baixa participação social (PINTO; NERI, 2017b). Em termos de diferenças entre homens e mulheres, os estudos não sinalizam diferenças significativas, contudo, as mulheres indicam maior interesse em participar de tipos variados de atividades e os homens demonstram preferência por atividades esportivas, com pouco envolvimento em voluntariado. Para ambos, limitações de saúde são a principal barreira. Em áreas rurais, homens indicam falta de tempo como justificativa para baixa adesão às atividades sociais e mulheres não se sentem à vontade em ir sozinhas. A escassez de recursos e opções de atividades, bem como problemas de deslocamento atrelados ao transporte público foram as principais demandas de

moradores idosos de áreas rurais canadenses (NAUD et al, 2019).

Experiências de participação social envolvem processos que se inter-relacionam nas vivências de indivíduos situados em diferentes níveis do ambiente (do micro ao macro). Prover suporte social e ambiental acessível com redes de apoio adequadas é primordial para amparar o envelhecimento no local de moradia (SIXSMITH et al, 2017). O aumento na frequência de envolvimento comunitário, seja em atividades sociais (ações que conectam indivíduos com menor nível de engajamento formal) ou participações formais (comprometimento voluntário a organizações ou associações) contribui para o sentimento de pertencimento e a vinculação com o lugar, essencial para a construção de sentido, apego e identidade (BUFFEL et al, 2013; LEWICKA, 2011; PROSHANSKY; FABIAN; KAMINOFF, 1983; TUAN, 1980). Para evitar isolamento social, insegurança e vulnerabilidade, envelhecer em um local apropriado deve envolver elementos que fortaleçam a participação social por meio do exercício de distintos papéis e de um ambiente propício para atuação, de maneira a incentivar o capital social representado pelas redes e normas para troca de recursos (RAINER, 2014).

A participação social tem sido compreendida como um componente do capital social formada por redes de cooperação entre indivíduos que compartilham uma identidade social (bonding), pelo respeito entre indivíduos de características sociodemográficas distintas (bridging) e por meio de indivíduos que interagem devido à participação em organizações ou associações (linking). O investimento em capital social tem sido associado a uma maior percepção de segurança pela população idosa, exercendo um papel mediador para o acesso a suportes comunitários e protetivo contra o estresse (PUTNAM, 2000). Portanto, o incentivo à participação social pode ser particularmente benéfico a idosos que moram sozinhos, que ficaram viúvos, que apresentam algum tipo de restrição ou deficiência, ou que mantém pouco contato com pares e familiares (ROZANOVA; KEATING; EALES, 2012).

Em síntese, investimento em saúde, trabalho, emprego, educação, desenho urbano e políticas sociais pode resultar em melhorias e redução das mudanças associadas ao envelhecimento, o que repercute em maiores níveis de participação e qualidade de vida, com menores níveis de dependência e custos na área de saúde. Incentivos ao envelhecimento ativo encorajam responsabilidade social, comunidades amigáveis ao envelhecimento e respeito intergeracional (LEVASSEUR et al, 2017). Apesar dos avanços nesse sentido e das projeções quanto ao aumento significativo da população idosa nas próximas décadas, as publicações sobre a relação idoso-ambiente ainda se mostram em número reduzido, principalmente no cenário latino americano, e o desenvolvimento de campos como o da psicologia e gerontologia ambientais ainda se mantêm desaquecidos (GARCÍA-VALDEZ; SÁNCHEZ-GONZÁLEZ; ROMÁN-PÉREZ, 2019; RODRIGUEZ-RODRIGUEZ; SANCHEZ-GONZALEZ, 2016).

Para contribuir nesse cenário, o presente estudo teve como objetivo identificar as principais demandas socioambientais da população idosa e as alternativas de resolução das problemáticas mais urgentes em três localidades da cidade de Brasília/DF. A meta foi compreender, por intermédio da participação social, como as comunidades podem ser projetadas para integrar as necessidades da população idosa. O trabalho se insere no campo interdisciplinar dos estudos pessoa-ambiente, com ênfase na área de Psicologia Ambiental e ancora-se nos parâmetros abordados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no que se refere às cidades amigáveis ao envelhecimento.

Método

Os dados apresentados compõem um estudo mais amplo (Place-Making with older-

people: Towards Age-Friendly Communities) realizado entre 2016-2019 com apoio do Economic & Social Research Council (ESRC), em parceria com as Universidades Federais de Pelotas, de Minas Gerais e de Brasília e de três Universidades do Reino Unido. Especificamente, o relato centra-se nas exposições interativas realizadas durante o mês de abril de 2019 em áreas públicas dos locais de estudo, na cidade de Brasília/DF.

As vizinhanças diferenciavam-se em termos de distanciamento do centro da cidade (3,5 km, 6,2 km e 9,1 km), renda (baixa, média e alta), tipo de moradia (apartamento e casa) e características de infraestrutura urbana. Dados anteriores coletados entre 2016 e 2018, com o auxílio de questionários e entrevistas individuais e grupais com idosos entre 60 e 91 anos, subsidiaram a elaboração do material utilizado nessa etapa do estudo. Foram elaborados dois banners em lona (120 cm x 90 cm) para cada local, sendo que um deles trazia informações acerca dos resultados obtidos nas etapas anteriores do estudo, incluindo trechos de falas dos participantes e fotografias representativas das barreiras e facilitadores identificados.

O conteúdo exposto no primeiro banner foi dividido em três linhas temáticas, de acordo com as demandas discutidas coletivamente com os moradores de cada área, a saber, segurança, infraestrutura e lazer. Além de expor os resultados do estudo obtidos até aquele momento, a proposta desse banner foi de promover a identificação da comunidade e o consequente envolvimento para participação social. Para tanto, o segundo banner apresentava propostas de resolução das problemáticas identificadas em cada área, considerando suas especificidades em cada tema (segurança, infraestrutura e lazer). Cada proposta estava inserida em um quadrado com espaço em branco para votação dos moradores em termos de relevância das proposições expostas. Assim, o morador tinha à disposição adesivos verdes e vermelhos em uma sacola anexa ao banner para utilização nos espaços em branco. As instruções fornecidas indicavam que o participante poderia usar o adesivo verde para selecionar a proposta que fosse mais relevante para resolução das demandas locais e o adesivo vermelho para indicar a proposta menos compatível com o seu cotidiano. A quantidade de adesivos a serem utilizados por cada morador era livre, de modo que os valores contabilizados ao final do procedimento não correspondem ao número de participantes do estudo. Considerando que poderiam surgir novas propostas distintas daquelas citadas no banner, havia uma sacola fixada ao banner com canetas e papéis para uso daqueles que considerassem pertinente incluir comentários.

Os banners foram afixados em locais de circulação dos moradores, de maneira a facilitar a visualização e a participação. Na vizinhança de alta renda, a exposição ocorreu em duas bancas de revista locais e os proprietários de cada banca foram os responsáveis por monitorar o envolvimento dos participantes. Na vizinhança de média renda, os banners foram afixados em um ponto de táxi para que os motoristas pudessem observar a movimentação local e em um parque, tendo os seguranças como apoiadores nos momentos em que as pesquisadoras não estavam presentes. E na vizinhança de baixa renda, os banners permaneceram na área externa da unidade básica de saúde (UBS), sendo monitorados pela sua equipe profissional. Foram distribuídos convites por cada área no primeiro dia de exposição e cartazes ficaram expostos na área comercial e em pontos de ônibus com informações sobre a exposição (local, período e objetivo). Na tentativa de aumentar o número de moradores envolvidos nas exposições, também foram contactados por telefone participantes das etapas anteriores do estudo.

O período de exposição em cada local variou entre 10 e 20 dias de acordo com o nível de participação da comunidade, assim, as exposições se estenderam além do previsto inicialmente (14 dias) com o intuito de envolver um número maior de participantes. Na vizinhança de alta renda, o primeiro dia de exposição ocorreu no sábado (13/04/2019)

e contou com o auxílio dos proprietários das respectivas bancas de revista, bem como das prefeituras comunitárias. Porém, devido à baixa adesão dos moradores nas duas primeiras semanas, os banners ficaram expostos até o dia 03/05/2019. Na vizinhança de média renda, as exposições foram iniciadas no domingo (14/04/2019), por ser um dia de maior movimento no Parque. As exposições também se estenderam além do previsto com o intuito de envolver um maior número de participantes. A exposição na vizinhança de baixa renda teve início no dia 09/04/2019, dia escolhido devido a realização da feira local que gera uma circulação maior de moradores na área às terças-feiras. A equipe da UBS deu suporte na observação dos banners e no recolhimento dos materiais no período noturno. A participação dos moradores mostrou-se significativa na primeira semana de exposição, o que permitiu a finalização da exposição antes da data prevista (19/04/2019).

Algumas intercorrências prejudicaram o andamento das exposições. Tendo em vista a escolha da equipe em realizar as exposições em espaços públicos, algumas sacolas de tecido foram furtadas com as canetas, adesivos e papéis disponibilizados e tiveram que ser substituídas ao longo do processo. Também houve pouca adesão no que diz respeito ao uso dos papéis para escrita de sugestões. Outro ponto foi que a maioria dos moradores optou por usar somente os adesivos verdes para sinalizar as sugestões mais relevantes para a área, sem indicar o que considerava menos relevante, com o adesivo vermelho. De maneira geral, os moradores demonstravam curiosidade em relação à proposta, mas indicavam que retornariam em outro momento para opinar e ler com mais calma as informações disponíveis. Tais fatores mostraram-se como barreiras para um maior engajamento, mas reafirmaram as demandas identificadas em momentos anteriores da pesquisa e demonstraram que as propostas apresentadas vão ao encontro das necessidades da comunidade.

Resultados

Para obtenção dos resultados, foi contabilizada a quantidade de adesivos verdes e vermelhos utilizadas pelos moradores de cada área no que se refere às propostas apresentadas no segundo banner. A frequência dos adesivos foi utilizada como parâmetro de participação social de cada área e para compreensão das propostas consideradas mais relevantes para tornar o local mais amigável para a população idosa.

No que diz respeito à segurança, os moradores da vizinhança de alta renda assinalaram ser mais relevante o aumento do policiamento na área (42 votos), a reforma do posto policial local (26 votos) e o encaminhamento de pessoas em situação de rua para atendimento psicossocial (28 votos). A presença dessas pessoas no entorno da moradia é percebida como fator potencializador da percepção de insegurança. Sobre a infraestrutura, o investimento na construção de calçadas acessíveis que facilitem a mobilidade dos moradores (38 votos) foi o principal elemento a ser considerado, bem como a reforma de prédios abandonados nas imediações (30 votos) para utilização dos moradores em reuniões, confraternizações e demais atividades. No que se refere às oportunidades de lazer e utilização dos espaços públicos, a realização de mais atividades de cultura e de esporte em espaços verdes (41 votos) foi a principal solicitação.

Dentre os comentários adicionais, foram citados: a) reforma da quadra de esporte local e, b) promoção de atividades intergeracionais, tendo como opção de ambiente apropriado para tal, o clube, local de fácil acesso na área. Tais sugestões incluem-se no foco dos temas discutidos por citarem a necessidade de manutenção dos espaços públicos e de expandir as opções de lazer de maneira a estimular as relações entre

crianças, jovens e idosos.

Dentre os moradores da vizinhança de média renda, sobressaiu o interesse em aspectos de segurança como iluminação das áreas públicas (59 votos), aumento do policiamento (57 votos) e encaminhamento das pessoas em situação de rua para atendimento psicossocial (51 votos). Em termos de infraestrutura, assim como na vizinhança de alta renda, os moradores demonstraram interesse na manutenção das calçadas por meio de investimento privado (40 votos). A promoção de atividades de lazer (55 votos) e a mobilização dos moradores para reivindicação de melhorias locais (53 votos) mostraram-se como pertinentes para o fortalecimento de vínculos e de engajamento social.

Nessa área, foram recebidos seis comentários relacionados: a) à mobilização das pessoas para ocupação dos espaços públicos; b) ao apoio às hortas comunitárias; c) à melhoria das calçadas, iluminação e mobiliário, de modo a promover acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida; d) ao incômodo ocasionado pelo ruído dos bares à noite; e) aos elogios pela iniciativa da pesquisa e a criatividade no modo de coletar informações e, f) à possibilidade de realizar rodas de conversa e expor painéis na área do Parque para mobilizar os moradores a se envolver mais efetivamente e perceber os benefícios associados desse contato com a saúde. Assim, além de uma devolutiva dos moradores quanto a proposta do estudo, foi possível incluir algumas demandas mais pontuais e específicas do local.

Na vizinhança de baixa renda, os moradores indicaram majoritariamente como mais relevante na temática da segurança o aumento do policiamento na área (92 votos). A implantação de mecanismos de drenagem de água a fim de evitar alagamentos nos períodos chuvosos (41 votos) surgiu como principal demanda associada à infraestrutura urbana. Para promover lazer, os moradores demonstraram interesse na construção de um espaço comunitário para realização de atividades entre os idosos (55 votos). Sobre questões mais específicas, indicaram a necessidade de se fazer campanhas de sensibilização dos moradores que passeiam com seus cachorros e não recolhem os dejetos (64 votos), o que gera implicações no âmbito da mobilidade e da saúde pública, principalmente em períodos chuvosos. O envolvimento dos moradores nessa área se mostrou mais efetivo, o que fica evidente a partir da quantidade de votos obtidos para cada proposta, em comparação com a frequência apresentada nas vizinhanças de alta e média renda.

Acerca dos comentários, apenas quatro sugestões foram recolhidas: a) iluminação pública nas áreas da escola, no setor de chácaras e nas paradas de ônibus; b) formação de grupos de idosos para passeios em atrativos locais da cidade; c) inclusão de piscina de hidroginástica no parque local para uso da população idosa e, d) construção de creche comunitária para as crianças com espaço de atividades para jovens. Nessas sugestões sobressaem-se demandas ligadas à infraestrutura que impactam a percepção de segurança, mas também a necessidade de resgate da proximidade entre os moradores por meio de espaços e atividades de lazer.

Nos três locais de estudo, as recomendações consideradas como mais relevantes foram similares, demonstrando que, por exemplo, a percepção de insegurança está presente na cidade de uma maneira mais ampla. A demanda pela promoção de atividades de lazer que permitam o contato intergeracional também é uma constante entre as vizinhanças pesquisadas.

Discussão

A partir dos resultados apresentados, alguns elementos relacionados à participação social e ao provimento de recursos no local de moradia se destacam. Na opinião dos participantes, há urgência para adequar aspectos que potencializem a percepção de segurança no entorno, a infraestrutura urbana e as oportunidades de lazer. Os dados deixam clara a necessidade de garantir segurança, aprimoramento da infraestrutura e a oferta de opções de lazer na forma de atividades que forneçam apoio e orientação direcionados a possibilitar o suporte e o engajamento social.

Nas três vizinhanças, o fator segurança se sobressaiu como o de maior preocupação. Contudo, os motivos associados à percepção de insegurança dos moradores eram distintos. Entre os participantes das vizinhanças de alta e média renda, predominava o medo das pessoas em situação de rua, comumente culpabilizadas pelos casos de furtos e roubos ocorridos na área. Em contrapartida, na vizinhança de baixa renda, a falta de iluminação pública em pontos estratégicos e os furtos em residências, apresentavam-se como principais elementos potencializadores do medo. Esses aspectos tornam-se relevantes à medida que se tornam barreiras para a mobilidade da pessoa idosa no entorno da moradia e, nesse sentido, colaboram para o isolamento social. Assim como no estudo de Woolrych et al (2019), preferências por áreas iluminadas e por sair acompanhado, se mostraram como estratégias para redução do medo e para promover o contato entre os moradores.

Gifford (2002) ressalta que segurança e infraestrutura comumente são apontados como demandas em populações de baixa renda e grupos de renda mais elevada preocupam-se ainda mais com aspectos estéticos e variedade de recursos e serviços locais, o que se mostrou um pouco diferente no contexto acessado por essa pesquisa. Similar aos dados apresentados, o estudo de Capone (2001) demonstrou que a percepção de idosos com o local de moradia no Distrito Federal foi positivamente associada à oferta de serviços. Porém, a necessidade de maiores deslocamentos para acessá-los se mostrou como elemento de insatisfação, devido às barreiras de mobilidade e acessibilidade, como a qualidade das vias e calçadas e do transporte público. Esses indicadores reafirmam os resultados encontrados nesse estudo e demonstram que esse tipo de barreira já é percebido pela população idosa de Brasília há mais de uma década.

A oferta de serviços mostrou-se como demanda mais latente na vizinhança de baixa renda, local que apresentou também os maiores níveis de participação nas exposições. Tais resultados podem ser explicados pela localização mais afastada do bairro em comparação com os demais escolhidos nesse estudo e pela dificuldade de acesso ao transporte público. Para deslocamentos às áreas mais centrais da cidade, os idosos dependem de familiares que possam levá-los, o que fortalece as relações intrafamiliares, porém gera dependência para satisfação de algumas necessidades. Quanto aos maiores níveis de participação, pode ter sido influenciado pelo local escolhido para a exposição (unidade básica de saúde), bastante frequentado pela população idosa local que não possui plano de saúde privado e pelo fato dos deslocamentos em tal área serem feitos, em sua maioria, a pé. Nas demais vizinhanças pesquisadas, além da percepção de insegurança, os moradores possuem mais acesso ao transporte particular e optam por se locomoverem na área dessa forma.

Nesse sentido, as evidências mostram que variáveis sociodemográficas como a renda podem repercutir nos níveis de participação social da população idosa, corroborando estudos realizados na Bélgica, no Canadá e no Brasil (BUFFEL et al, 2013; NAUD et al, 2019; PINTO; NERI, 2017b). Tais dados corroboram as informações aqui apresentadas e reforçam as barreiras enfrentadas pela população idosa em distintos países. Os

parâmetros que definem as cidades amigáveis ao envelhecimento (WHO, 2008) também são acessados nas demandas apresentadas nas exposições e refletem o imperativo de priorizar as dimensões ambiental e social, representadas por ambientes mais acessíveis e atrativos, bem como por mecanismos promotores de inclusão e envolvimento comunitário. A relevância de tais aspectos inseridos nas vizinhanças pesquisadas pode colaborar para o envelhecimento ativo e contribuir na direção de uma perspectiva mais sólida de aging-in-place (ROWE; KAHN, 1997; WILES et al, 2011).

A política de envelhecimento ativo pressupõe otimização de recursos com o intuito de promover qualidade de vida (LEVASSEUR et al, 2017). Isso implica não somente na garantia de serviços, mas também na infraestrutura disponível para acesso a tais comodidades. A qualidade das calçadas mostrou-se como principal barreira do ambiente físico para os deslocamentos diários nas três vizinhanças pesquisadas, principalmente nas vizinhanças de alta e média renda. Somada à percepção de insegurança, torna-se mais um elemento que desencoraja a movimentação pela vizinhança. Ao invés de tornar o local mais amigável, tais características intensificam sua inadequação e reduzem o capital social, ou seja, a formação de redes cooperativas entre os moradores, possibilitando fortalecimento de vínculos (PUTNAM, 2000).

A dimensão afetiva não pode ser descartada desse contexto, pois se relaciona intimamente com esse capital social, retratando, ainda, os sentidos e significados atribuídos ao lugar (LEWICKA, 2011; PROSHANSKY; FABIAN; KAMINOFF, 1983; TUAN, 1980). Quando os moradores reivindicam mais atividades de lazer e maior contato intergeracional nos espaços públicos, por meio do investimento em parques e da construção de ambientes apropriados para socialização, eles reforçam a busca por essa formação identitária. Entre os comentários adicionais fornecidos, surgiu a dificuldade em mobilizar os demais para participar tanto de atividades formais quanto informais, como reuniões e hortas comunitárias, por exemplo. Nesse campo, a articulação entre teoria e prática é apontada como essencial para desenvolver e capacitar os sujeitos, de maneira a promover autonomia e multiplicar o número de envolvidos (RAINER, 2014). O propósito desse estudo foi ao encontro dessa prerrogativa, tentando atrair os moradores para as exposições a partir do próprio discurso apresentado em etapas anteriores da pesquisa. Todavia, tendo em consideração os altos níveis de insegurança e o descontentamento com a infraestrutura urbana, os níveis de participação social mantiveram-se abaixo do esperado, sobretudo, nas vizinhanças de alta e média renda.

Similarmente aos estudos acessados para fundamentação teórica dessa pesquisa, os idosos expressaram o desejo de permanecer no local de moradia, evidenciando a vinculação ao lugar atrelada à lembranças que compõem a historicidade individual e coletiva (BRETT et al, 2019; DAHAN-OLIEL; GÉLINAS; MAZER, 2008; PINTO; NERI, 2017a). Como fator agregador, esse é um ponto que merece atenção pelo seu potencial de tornar-se base para o incentivo dos moradores em relação às questões locais. Ao ser utilizado como mola propulsora, esse sentimento de pertencimento pode sustentar ações de cuidado que minimizem problemáticas associadas à segurança e à infraestrutura, por exemplo, tornando o local mais agradável e apropriado aos moradores (SIXSMITH et al, 2017).

No tocante às estratégias mais recentes de adaptação dos entornos, a inclusão de noções tecnológicas para tornar os ambientes mais amigáveis pode ser enriquecedora, reduzindo os impactos negativos da relação idoso-ambiente, de maneira a oferecer autonomia aqueles que exigem um nível maior de cuidado (GARCÍA-VALDEZ; SÁNCHEZ-GONZÁLEZ; ROMÁN-PÉREZ, 2019). A estimulação também é percebida como essencial para potencializar o uso dos espaços, mesclando elementos ambientais construídos e naturais que estimulem os sentidos e a experiência corporal,

permitindo uma imersão atrelada às sensações, aos afetos e aos comportamentos que se traduzem como ambiência (THIBAUD, 2018).

Participação social implica, além do contato com os outros membros da comunidade, o compartilhamento de recursos que podem ser fornecidos pelo tempo dispendido em uma atividade ou ainda pela troca de habilidades, conhecimentos e competências, em contextos de tomada de decisão (AROOGH; SHAHBOULAGHI, 2020). A presença de espaços para socialização se torna pertinente nesse cenário, de modo que os moradores possam se encontrar em um ambiente seguro e tranquilo para elaboração de ideias voltadas à melhoria local. Ao incorporar esse tipo de serviço, contribui-se para a convivência entre os moradores e para o estabelecimento de uma rede de suporte, mecanismo fundamental para o engajamento coletivo (LEVASSEUR et al, 2015).

O retorno da população foi bastante positivo quanto à iniciativa das exposições e demonstrou a boa receptividade e o interesse em tornar as cidades mais amigáveis a partir de maior envolvimento comunitário. Nesse sentido, o reconhecimento da população idosa como atores socialmente aptos a opinar e propor pode render bons resultados. Comunidades projetadas com segurança, infraestrutura adequada e opções de lazer são apontadas como focos das ações a serem desenvolvidas, congregando tanto o poder público quanto a sociedade civil, com a finalidade de integrar as necessidades de sentido de lugar de idosos em diferentes contextos urbanos e culturais.

Considerações Finais

As conclusões suscitadas pelos dados desse estudo permitiram a identificação das principais demandas e as medidas mais relevantes para projeção de ambientes mais amigáveis ao envelhecimento em cada localidade estudada. A partir das considerações e propostas feitas e do arcabouço teórico norteador do estudo, é possível tecer algumas considerações do que é necessário em um ambiente para que os idosos desejem e possam ali envelhecer.

O estímulo à inclusão e à acessibilidade possibilitam níveis mais funcionais de mobilidade, independência e autonomia para transitar na comunidade e realizar atividades diárias. A parceria entre órgãos públicos de infraestrutura e de planejamento e iniciativas privadas articuladas com a sociedade civil podem oferecer calçadas seguras e de qualidade, alternativas de meios de transporte público eficientes e seguras e acessos aos serviços locais. As proposições mais votadas pelos participantes, apontam, como guia referencial, a urgência de adequar aspectos que potencializem a percepção de segurança no entorno, a infraestrutura urbana e as oportunidades de lazer. Os dados trazem à tona a necessidade de garantir segurança, aprimorar a infraestrutura urbana e oferecer opções de lazer direcionados ao suporte físico e emocional frente a complexidade do processo de envelhecimento.

O contato prévio com os moradores em etapas anteriores do estudo permitiu o levantamento de necessidades a partir da realidade de cada local e o reconhecimento do trabalho que estava sendo desenvolvido. O estabelecimento de parcerias com equipes de saúde, prefeituras comunitárias, síndicos e moradores mais antigos, dentre outros que se mostraram como pessoas chave naquele contexto, auxiliou na mediação com a comunidade, facilitou a inserção das pesquisadoras e contribuiu para uma visão mais ampliada das especificidades locais. Estudos futuros podem explorar outras estratégias de recrutamento para processos de pesquisa participativos com a população idosa, bem como outros recursos de compartilhamento de dados. Dentro da perspectiva traçada nesse estudo, uma equipe de pesquisadores em maior número poderia fazer o acompanhamento das exposições ao longo do dia a fim de coletar

informações adicionais sobre a proposta. A disseminação de conhecimento é essencial para a troca de informações entre os residentes de uma área e repercute em níveis mais elevados de participação social, busca incessante dos estudos pessoa-ambiente para harmonizar teoria e prática.

Referências

AROOGH, M. D.; SHAHBOULAGHI, F. M. *Social Participation of Older Adults: A concept analysis*. IJCBNM, v. 8, n. 1, p. 55-72, 2020.

BALTES, P. B. *Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline*. *Developmental Psychology*, v. 23, n. 5, p. 611-626, 1987.

BRETT, L.; GEORGIU, A.; JORGENSEN, M.; SIETTE, J.; SCOTT, G.; GOW, E.; LUCKETT, G.; WESTBROOK, J. *Aging well: evaluation of social participation and quality of life tools to enhance community aged care (study protocol)*. *BMC Geriatrics*, v. 19, n. 78, p. 1-8, 2019.

BUFFEL, T.; DONDER, L.; PHILLIPSON, C.; DURY, S.; WITTE, N.; VERTÉ, D. *Social participation among older adults living in medium-sized cities in Belgium: the role of neighborhood perceptions*. *Health Promotion International*, v. 29, n. 4, p. 655-668, 2013.

CAPONE, V. C. *Satisfação de idosos em ambientes de vizinhança de duas regiões do Distrito Federal*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Distrito Federal.

CÍCERO, M. T. *Saber envelhecer e a amizade*. Porto Alegre: LPM Editores, 1997.

DAHAN-OLIEL, N.; GÉLINAS, I.; MAZER, B. *Social Participation in the elderly: what does the literature tell us?* *Critical Reviews in Physical and Rehabilitation Medicine*, v. 20, n. 2, p. 159-176, 2008.

GARCÍA-VALDEZ, M. T.; SÁNCHEZ-GONZÁLEZ, D.; ROMÁN-PÉREZ, R. *Envejecimiento y estrategias de adaptación a los entornos urbanos desde la gerontología ambiental*. *Estudios Demográficos y Urbanos*, v. 34, p. 101-128, 2019.

GIFFORD, R. *Environmental Psychology: principles and practices*. 3rd ed. Colville, WA: Optimal Books, 2002.

LEVASSEUR, M.; GÉNÉREUX, M.; BRUNEAU, J.; VANASSE, A.; CHABOT, E.; BEAULAC, C.; BÉDARD, M. *Importance of proximity to resources, social support, transportation and neighborhood security for mobility and social participation in older adults: results from a scoping study*. *BMC Public Health*, v. 15, n. 503, p. 1-19, 2015.

LEVASSEUR, M.; DUBOIS, M-F.; GÉNÉREUX, M.; MENEZ, V.; RAINA, P.; ROY, M.; GABAUDE, C.; COUTURIER, Y.; ST-PIERRE, C. *Capturing how age-friendly communities foster positive health, social participation and health equity: a study protocol of key components and processes that promote population health in aging Canadians*. *BMC Public Health*, v. 17, n. 502, p. 1-11, 2017.

LEWICKA, M. *Place attachment: How far we come in the last 40 years?* *Journal of Environmental Psychology*, v. 31, n. 3, p. 207-230, 2011.

NAUD, D.; GÉNÉREUX, M.; BRUNEAU, J.; ALAUZET, A.; LEVASSEUR, M. *Social Participation in older women and men: differences in community activities and barriers according to region and population size in Canada*. *BMC Public Health*, v. 19, n. 1124, p. 1-14, 2019.

NERI, A. L. *O legado de Paul B. Baltes à psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento*. *Temas em Psicologia*, v. 14, p. 17-34, 2006.

PINTO, J. M.; NERI, A. L. *Trajetórias de participação social na velhice: uma revisão sistemática da literatura*. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, v. 20, n. 2, p. 260-273, 2017a.

PINTO, J. M.; NERI, A. L. *Factors related to low social participation in older adults: findings from the FIBRA study, Brazil*. *Cad. Saúde Colet.*, v. 25, n. 3, p. 286-293, 2017b.

PROSHANSKY, H. M.; FABIAN, A. K.; KAMINOFF, R. *Place identity: Physical world socialization of the self*. *Journal of Environmental Psychology*, v. 3, p. 57-83, 1983.

PUTNAM, R. D. *Bowling Alone: America's declining social capital*. In: CROTHERS, L.; LOCKHART, C. (Eds.). *Culture and Politics*. New York: Palgrave Macmillan US, 2000, Cap. 12, p. 223-234.

RAINER, S. *Social Participation and Social Engagement of elderly people*. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, v. 116, p. 780-785, 2014.

RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, V.; SÁNCHEZ-GONZÁLEZ, D. *Approaches to Environmental Gerontology in the Mediterranean Europe and Latin American: Policy and Practice on Ageing and Place*. In: SÁNCHEZ-GONZÁLEZ, Diego; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, Vicente (Eds.). *Environmental Gerontology in Europe and Latin American: policies and perspectives on environment and ageing*. Switzerland: Springer, 2016, Cap. 2, p. 11-44.

ROZANOVA, J.; KEATING, N.; EALES, J. *Unequal social engagement for older adults: constraints on choice*. *Canadian Journal on Aging*, v. 31, p. 25-36, 2012.

ROWE, J.; KAHN, R. *Successful aging*. *The Gerontologist*, v. 37, n. 4, p. 433-440, 1997.

SIXSMITH, J.; FANG, M. L.; WOOLRYCH, R.; CANHAM, S. L.; BATTERSBY, L.; SIXSMITH, A. *Ageing well in the right place: partnership working with older people*. *Working with older people*, v. 21, p. 40-48, 2017.

THIBAUD, J. P. *Ambiência*. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (Orgs.), *Psicologia ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Rio de Janeiro: Vozes, 2018, pp. 13-25.

TUAN, Y.-F. *Rootedness versus sense of place*. *Landscape*, v. 24, p. 3-8, 1980.

WILES, J. L.; LEIBING, A.; GUBERMAN, N.; REEVE, J.; ALLEN, R. E. S. *The meaning of "Ageing in Place" to older people*. *The Gerontologist*, p. 1-10, 2011.

WOOLRYCH, R.; SIXSMITH, J.; FISHER, J.; MAKITA, M.; LAWTHON, R.; MURRAY, M. *Constructing and negotiating social participation in old age: experiences of older adults living in urban environments in the United Kingdom*. *Aging and Society*, p. 1-23, 2019.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*

(*Active Ageing: a policy framework*). Trad. Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Global Age-friendly cities: a guide*. Geneva: WHO Press, 2008. ISBN 978-92-4-154730-7.